

Índice dos Textos

- 1 Silva, A.C. da (1987) O Pós-Marxismo e o Espaço Cotidiano (xerox)
 - 2 Silva, A.C. da (1986) Fenomenologia e Geografia (Cf. Revista Orientação nº 7 - DG/IGEOG)
 - 3 Sartre, J-P (198?) Introduccion in El Ser y la Nada, Ensayo de Ontologia Fenomenológica, Ed. Losada, S.A., Buenos Aires.
-
- 4 Silva, A.C. da (1980) Geografia: Conhecimento da Crise ou Crise do Conhecimento? Anais da AGB, Rio de Janeiro.
 - 5 Santos, M. (198,) Para que a Geografia Mude sem ficar a mesma Coisa, Boletim Paulista de Geografia, AGB-São Paulo.
 - 6 Santos, M. (1978) A Geografia da Percepção e do Comportamento in Por Uma Geografia Nova, HUCITEC, São Paulo.
 - 7 Kosik, K. (198?) A Totalidade Concreta in Dialética do Concreto, Paz e Terra, Rio de Janeiro.
 - 7 Silva, A.C. da (1980) A Subtotalidade Geográfica e sua Especificidade in Anais da AGB, Rio de Janeiro.
 - 8 Harvey, D. (1980) A Natureza do Espaço in A Justiça Social e a Cidade, HUCITEC, São Paulo.
 - 9 Silva, A.C. da (1982) Space as a Category of Analysis, UGI, Rio de Janeiro (xerox).
 - 10 Santos, M. (198?) A Noção de Espaço in O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, São Paulo.
 - 11 Moraes, A.C.R. (e) Costa, W.M. da (197?) O Espaço e a Questão do Método, Revista Temas de Ciências Humanas, São Paulo.
 - 12 Moraes, A.C.R. (1979) Em Busca da Ontologia do Espaço, Território Livre nº 1, São Paulo.
 - 13 Silva, A.C. da (1982) Uma Questão de Ótica Espacial (trecho) in A Metrópole Ampliada e o Bairro Metropolitano, Tese de Livre-Docência, DG, São Paulo.
 - 14 Silva, A.C. da (1986) O Espaço como Ser: uma Auto-Avaliação Crítica, in De Quem é o Pedaco? Espaço e Cultura, HUCITEC, São Paulo.
 - 15 Silva, A.C. da (198?) As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico in O Espaço Interdisciplinar, Ed. Nobel ou (xerox).
 - 16 Santos, M. (198?) Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico (xerox).
 - 17 Claval, P. (197?) A Revolução Post-Behaviorista in Éléments de Géographie Humaine, Paris.

Índice de Têxtos (continuação)

- 18 Costa, W.M.da (1983) A Dialética e a sua Introdução na Geografia, Seminário de Filosofia e Geografia, Rio de Janeiro.
 - 19 Silva, A.C. da (198?) A Geografia e a Totalidade Estrutural em Crise de Fundamentos, Belo Horizonte.
 - 20 Silva, A.C. da (198?) A Geografia e a Questão da Forma (Uma Primeira Diferenciação da Forma) (xerox) ou Métodos em Questão, IGEOG=USP.
 - 21 Silva, A.C. da (1984) Metrôpole: Cidade Inchada ou Nova Lógica do Capital? in Ciência e Cultura, SBPC ou (xerox).
 - 22 Giannotti, J.A. (198?) Acabou o Capitalismo: é a Barbarie? in Revista Presença, São Paulo.
-

1ª aula

A RENOVAÇÃO GEOGRÁFICA NO BRASIL

Bibliografia Principal

- Andrade, Manuel C. de (1977) O Pensamento geográfico e a realidade brasileira, Boletim Paulista de Geografia, nº 54, São Paulo.
- Monteiro, Carlos Augusto de F. (1980) A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências, IGEOG-USP, Série Teses e Monografias nº 37, São Paulo.
- Moraes, Antonio Carlos R. (1981) Geografia. Pequena História Crítica, Editora Hucitec, São Paulo. (3ª edição 1984).
- Silva, Armando C. da (1984) A renovação geográfica no Brasil - 1976/1983, Boletim Paulista de Geografia nº 60, São Paulo.
- Sodré, Nelson Werneck (1976) Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia, Editora Vozes Ltda., Petrópolis.

Bibliografia Complementar

- Christofoletti, Antonio (1982) As Características da Nova Geografia, Christofoletti, A. (organizador) Perspectivas da Geografia, DIFEL. Difusão Editorial S.A., São Paulo.
- Claval, Paul (1974) Evolución de la Geografía Humana, Oikos-tau, s. a. - ediciones, Barcelona.
- Peet, Richard (1982) O Desenvolvimento da Geografia Radical nos Estados Unidos, Christofoletti, A. (organizador), Perspectivas da Geografia, DIFEL. Difusão Editorial S.A., São Paulo.
- Consultar também
- Revista Hérodote (primeiro número 1976) *
- Revista Espace et Temps (primeiro número 1975)

* Segundo Milton Santos a revista Hérodote começou a ser pensada em 1969/70.

Questão: qual o ponto de partida?

I - O Ponto de partida do Método.

1. Teoria do Conhecimento: uma preliminar.
Soluções: o objeto é uma construção do sujeito (sujeito cognoscente).
o objeto é exterior à consciência e deve ser apreendido (sujeito histórico, social, coletivo).
O Problema: sujeito e objeto não são entidades separadas e só se revelam na relação entre elas.
2. Categorias do método: contradição, identidade, síntese, análise, causalidade, indeterminação.
3. Formas do método: lógica dialética, lógica formal, lógica simbólica, lógica estrutural.
4. O movimento do pensamento:
 - a. o pensamento move-se do concreto ao concreto (da percepção à percepção); conhecimento prático.
 - b. o pensamento move-se do concreto ao abstrato (da percepção à representação); conhecimento técnico.
 - c. o pensamento move-se do abstrato ao concreto (da representação à percepção); conhecimento científico.
 - d. o pensamento move-se do abstrato ao abstrato (da representação à representação); conhecimento filosófico.
5. Modos de pensar: indução (enumerativa e amplificadora); dedução.
6. Momentos do método: investigação; exposição dos resultados.

II - O ponto de partida da análise.

1. O concreto: as coisas.
 - a. percepção: o objeto.
 - b. representação: a imagem.
 - c. pensamento: o significado.
2. O concreto: as pessoas.
 - a. percepção: os indivíduos.
 - b. representação: os grupos.
 - c. pensamento: as relações.
3. O concreto: as idéias.
 - a. percepção: as palavras.
 - b. representação: os conceitos.
 - c. pensamento: o discurso.

O problema: as coisas, as pessoas e as idéias são dadas pela experiência e pela razão.

III - O ponto de partida da pesquisa.

1. As fontes.
 - a. empíricas - primárias (fatos, eventos, acontecimentos).
secundárias (dados, documentos, testemunhos).
 - b. lógicas - categorias: filosóficas, científicas, técnicas.
2. O contexto: natural, geográfico, histórico, econômico, social, político, cultural, psicológico (individual e social), antropológico, linguístico, matemático, geométrico, religioso, mágico, mítico.

3. O procedimento.
 - a. Hipótese (abrange as fontes e o contexto).
 - b. Observação (participante ou não).
 - c. Análise (descrição e explicação).
 - d. Generalização (alcance dos resultados).
4. Apresentação.
 - a. Cuidados gráficos e de redação.

O problema: a pesquisa inicia-se com o projeto (definição de objeto e método, roteiro, objetivo).

Bibliografia Principal

- Althusser, Louis (1978) Sobre o trabalho teórico, Editorial Presença, Livraria Martins Fontes, 2ª edição, Lisboa.
- Marx, Karl (1946) "O Método da Economia Política" in Contribuição à Crítica da Economia Política, Editôra Flama Limitada, São Paulo.
- Popper, Karl R. (1973) La Logica de la Investigación Científica, Editorial Tecnos, Madrid.
- Sartre, Jean-Paul (1966) "O Método progressivo-regressivo" in Questão de Método, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- Silva, Armando C. da (1978) "Notas sobre o Método Científico e a Observação em Geografia" e "Ciência e Valor em Geografia" in O Espaço Fora do Lugar, Editora Hucitec, São Paulo.
- Silva, Armando C. da (1981) "Perspectivas Recentes" in Geografia, Natureza e Sociedade, original datilografado, São Paulo.

Bibliografia Complementar

- Goldmann, Lucien (1972) "A importância do conceito de consciência possível para a comunicação" in A Criação Cultural na Sociedade Moderna (Por uma sociologia da totalidade), Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- Gramsci, Antonio (1978) "Contribuições para uma história dos intelectuais" in Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Editora Civilização Brasileira, 2ª edição, Rio de Janeiro.

3ª aula

O HUMANO E O SOCIAL: A POPULAÇÃO COMO SUJEITO

O sujeito cognoscente

1. A subjetividade: valores e significação.
 - a. aspirações.
 - b. o espaço dos sonhos.
 - c. organização do espaço e construção do espaço.
2. Restrições objetivas do meio.
 - a. espaço psicológico e espaço psico-social.
 - b. equilíbrio e desequilíbrio da personalidade.
3. Subjetividade e espaço.
 - a. o espaço mental.
 - b. as imagens mentais do espaço.
 - c. comportamento espacial.

O sujeito histórico

1. A objetividade: o funcional e o simbólico.
 - a. consciência individual e consciência social.
 - b. decisão e escolha.
2. Restrições subjetivas do meio.
 - a. o espaço dos grupos sociais: a sociedade civil.
 - b. o espaço dos agentes econômicos: empresários e Estado.
 - c. o espaço das lideranças e partidos políticos.
 - d. o espaço das culturas.
3. Objetividade e espaço.
 - a. o espaço social.
 - b. Existência e espaço de vida.
 - c. comportamento espacial.

Bibliografia Principal

- Claval, Paul (1974) "La Révolution Post-Behavioriste" in *Éléments de Géographie Humaine*, Éditions M.-TH. Génin, Librairies Techniques, Paris.
- Santos, Milton (1978) "Capítulo VI - A Geografia da Percepção e do Comportamento" in *Por Uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a Uma Geografia Crítica*, Editora Hucitec, São Paulo.

Bibliografia Complementar

- Rossini, Rosa E. (1983) "Natureza e Sociedade" in *Simpósio "Teoria e Ensino da Geografia"*, Textos para Discussão, Vol. 2, Secretaria de Educação Superior - SESU, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silva, Armando C. de (1983) "A Geografia e a Totalidade Estrutural em Crise de Fundamentos" in *Simpósio "Teoria e Ensino da Geografia"*, Textos para Discussão, Secretaria de Educação Superior, SESU, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

4ª aula

O ESPAÇO COMO SER: A PARTICULARIDADE DO OBJETO GEOGRÁFICO

Espaço e Valor: o valor do espaço (I)

Análise lógica: (a origem do valor do espaço).

espaço existente → produção do espaço → espaço produzido

espaço como resultado

Análise histórica: (o ponto de partida do valor do espaço).

espaço produzido (1) → produção do espaço → espaço produz. (2)

valorização do espaço

Questão: qual a origem da valorização do espaço?

Espaço e valor: o valor no espaço (II)

Análise lógica: (a origem do valor no espaço).

lugar de produção → localização (sítio, situação e posição) e distância (absoluta, relativa e relacional) → lugar de consumo (lugar de trabalho) (lugar de habitação)

produção do valor no espaço

Análise histórica: (o ponto de partida do valor no espaço).

lugar de consumo (1) → benfeitorias e comunicações → lugar de consumo (2) (trabalho acumulado) (trabalho acumulado)

circulação do valor no espaço

Questão: qual a origem do valor criado (produção e circulação do valor no espaço)?

Bibliografia Principal

Costa, Wanderley M. da (e) Moraes, Antonio Carlos R. (1979) Valor, Espaço e a Questão do Método, Temas de Ciências Humanas, nº 5, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, São Paulo.

Santos, Milton (1978) "A Noção de Espaço" in O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, Editora Hucitec, São Paulo.

Silva, Armando C. da (1982) "O Espaço como Ser: uma Auto-Avaliação Crítica" in Moreira, Ruy (organizador), Geografia: Teoria e Crítica. O Saber Posto em Questão, Editora Vozes Ltda., Petrópolis.

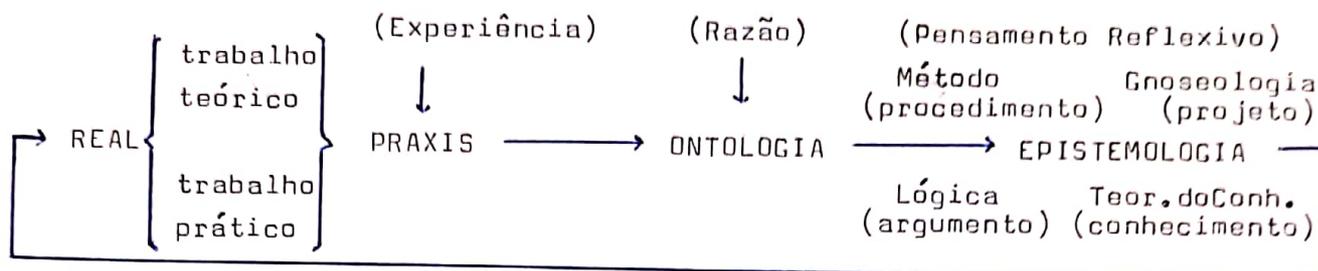
Bibliografia Complementar

Harvey, David (1980) "A Natureza do Espaço" in A Justiça Social e a Cidade, Editora Hucitec, São Paulo.

Moraes, Antonio Carlos R. (1979) Em Busca da Ontologia do Espaço, Território Livre nº 1, UPEGE, São Paulo.

Silva, Armando C. da (1982) "A Subtotalidade Geografia: O Espaço como Ser" e "Dialética e Materialidade do Espaço" in A Metrópole Ampliada e o Bairro Metropolitano. O Caso de São Paulo: o Bairro da Consolação, Tese de Livre-Docência, São Paulo.

RAZÃO E EXPERIÊNCIA: OS PRINCÍPIOS ONTOLÓGICOS DO REAL GEOGRÁFICO

Conceito Filosófico de RealI - Ontologia do trabalho teórico

1. A idéia: O ponto de partida é a abstração. A abstração, como razão, é dada pelas categorias universal, particular e singular. A idéia, como identidade e contradição, é um resultado do movimento do pensamento. Então, o movimento da idéia é o movimento daquelas categorias.

2. Geografia e Idéia.

A idéia é o modo de ser do pensamento em movimento. O pensamento em movimento expressa, portanto, uma relação, que é manifesta como raciocínio. Pode-se dizer que o raciocínio é trabalho mental. Os objetos do trabalho mental são as categorias, como formas que são assumidas pela idéia, e seu modo de por-se é a teoria. Então, a teoria é o manifestar o significado das relações entre categorias, no processo do pensar.

Considere-se a população.

O existir da população é o seu manifestar-se como moradores e não moradores presentes em um dado lugar e em instante determinado. Morar significa relacionar-se com o lugar de consumo, que é trabalho acumulado no espaço.

Então, o ser da população expressa-se no ter a moradia. E ela o manifesta como posse de abrigo.

A vila, o cortiço, a favela, o bairro residencial, o condomínio fechado etc., são então formas do habitar que a população avalia valorativamente e às quais atribui significados diversos.

Mas, vila, cortiço, favela, bairro, condomínio etc. são também categorias geográficas de apreensão do espaço. São formas do real que adquirem significados, enquanto idéias, no processo de sua produção e apropriação.

II - Ontologia do trabalho prático

1. A Atividade: O ponto de partida é o concreto. O concreto, como atividade, é dado pelas categorias fenômeno e essência. O concreto, como identidade e contradição, é um resultado do movimento do ser. Então, o movimento do concreto é o movimento daquelas categorias.

2. Geografia e Atividade.

A atividade é o modo de por-se o ser. O ser manifesta-se como fenômeno e essência. Cada objeto possui, assim, uma aparência e um significado oculto. A aparência e o significado só se mostram como ser em movimento por meio do trabalho, como identidade e contradição. Mas, enquanto a aparência do ser é dada à percepção, sua essência só é possível ao pensamento teórico.

Considere-se o espaço.

O existir do espaço é dado por sua produção através do trabalho. Mas, há aqui uma particularidade: o espaço, que é objeto de trabalho, é também meio de trabalho, isto é, ele existe previamente ao trabalho que o produz. Essa existência prévia, como ponto de partida, é espaço produzido anteriormente e que é valorizada

do por sua reprodução. Então, produzir espaço é produzir o lugar de consumo e o lugar de produção como valores.

Lugar de consumo e lugar de produção são formas de manifestação do espaço produzido. Mas, são também categorias geográficas. São formas do real que adquirem significados, enquanto idéias, no processo de sua produção e apropriação.

III - Ontologia do Projeto

Como se relacionam pensamento e ação como princípios ontológicos do real geográfico na produção da teoria?

Veja-se o caso do projeto.

"O projeto é, então, em primeiro lugar, o movimento genético. Trata-se de captá-lo em sua origem mais remota. Esse flagrar a pre-intuição é a objetivação racional do ser em suas formas de totalidade inicial. Por isso, o território da consciência é, em primeiro lugar, a idéia. Pois, a idéia é o ser que povoa o território da mente humana. A mente vazia é uma impossibilidade humana. Ela só se põe como modo de produção natural. Mas, aí, expressa-se como epifenômeno, que dá origem ao realismo ingênuo; e este, ao realismo crítico. Contradição que se supera na afirmação da consciência da necessidade, como necessidade consciente.

"O projeto é, então, em segundo lugar, o ser do movimento genético em sua forma dada: o arremesso, a vertigem, a "viagem". Estes, põem-se como "delírio", porque espaço e tempo desdobram-se segundo a lógica especial das contradições, que não se apresenta como forma, senão a posteriori. A história do processo de elaboração do projeto é completamente diversa da história de sua exposição. Não se trata de subordinar uma à outra, mas de compreendê-las como necessárias em suas autonomias e em seu movimento, movimento este que é uma outra modalidade de ser do projeto e se relaciona ao plano.

"O projeto é, então, em terceiro lugar, a própria contradição: o movimento genético se põe como ser e é afirmado como contrafação. Inevitável, se se pensa que a negação da negação é uma "conseqüência lógica". Porque, a ruptura implica em perder para ganhar. Por isso, em recuar as pre-determinações e pre-ideações para além de suas formas e conteúdos, embora elas apareçam, inicialmente, como as mesmas. Momento em que elas já se põem como outras.

"O projeto é, então, em quarto lugar, a contradição resolvida. A contradição resolvida é a consciência daquilo que já era dado antes; mas, que não podia se por, então, senão como imagem. Imagem tão mais real na consciência, quanto mais se desenvolve o próprio trabalho que a gera.

"O projeto é, então, em quinto lugar, a contradição resolvida, que se põe como imagem real derivada do processo de trabalho, trabalho este que se inicia, desde logo, com o projeto. Mas, agora, o projeto não é mais algo vago e intuitivo: as imagens são reais como a positividade da seqüência do filme que reproduz o movimento do real." (Silva, A. C. da, 1986, DE QUEM É O PEDAÇO?, HUCITEC, São Paulo).

EXERCÍCIO:

Desenvolva, no mínimo trinta linhas, o tema

O Brasil é um país em que as relações da população com o espaço são relações naturais, no próprio momento em que essas relações estão sendo destruídas.

sem dar exemplos e sem apôio bibliográfico.

6ª aula

A CONSCIÊNCIA E O MUNDO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: A CONTEMPORANEIDADE DO CONHECIMENTO.

I - Consciência Individual

1. Conhecimento de si mesmo em que o eu é objeto individual do intelecto. O sujeito desse conhecimento é o sujeito psicológico (Psicologia).
2. Conhecimento do mundo exterior em que as coisas, as pessoas e as idéias são objeto individual da idéia. O sujeito desse conhecimento é o sujeito cognoscente (Filosofia).
3. Pode haver discordância entre dois observadores individuais differentemente posicionados em relação ao objeto.

Questão - Como se dá o conhecimento da população e do espaço?

II - Consciência Social

1. Conhecimento dos outros em que o nós é objeto conjunto dos intelectos individuais. O sujeito desse conhecimento é o sujeito coletivo (Psicologia Social).
2. Conhecimento do mundo exterior em que as coisas, as pessoas e as idéias são objeto geral da idéia. O sujeito desse conhecimento é o sujeito histórico (Filosofia Social).
3. Não há discordância entre os observadores coletivos ou do mesmo grupo social.

Questão - Como se dá o conhecimento da população e do espaço?

Bibliografia

Silva, Armando C. da (1983) "As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico" in Seminário de Filosofia e Geografia, Rio de Janeiro, xerox.

Santos, Milton (1981) Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico, Rio de Janeiro, xerox.

O MOVIMENTO DO SER EM GEOGRAFIA: A CONTRADIÇÃO

I - A contradição nas coisas.

1. As relações internas: o movimento do ser se dá pelo modo como o processo temporal ou espacial ocorre no interior das coisas. A contradição nas coisas expressa-se, então, em sua gênese e desenvolvimento diacrônicos e sincrônicos. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se como equilíbrio de tendências opostas, como particularidade.
2. As relações externas: o movimento do ser se dá como interrelacionamento externo de processos temporais e espaciais. A contradição nas coisas expressa-se, então, em razão de sua posição no tempo e no espaço. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se como um conjunto de relações de equilíbrio desiguais, sincrônicas e diacrônicas.

Questão: o que é uma contradição do espaço?

II - A contradição nas pessoas.

1. Valores e funções: o movimento do ser se dá como desigualdade de manifestação de significados e símbolos. A contradição nas pessoas expressa-se, então, por um desencontro entre razão e experiência, que pode ser diacrônico ou sincrônico. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se como desequilíbrio.
2. Ações e relações: o movimento do ser se dá como interações incompletas ou destituídas de sentido. A contradição nas pessoas expressa-se, então, como comportamento anômico. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se difusa.

Questão: o que é uma contradição entre os habitantes?

III- A contradição nas idéias.

1. Análise e síntese: o movimento do ser se dá como decomposição do todo em suas partes e como reunião das partes que formam o todo. A contradição nas idéias expressa-se, então, como decomposição ou reunião do todo incompletas. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se como absurda.
2. Causalidade e indeterminação: o movimento do ser se dá como necessidade e aleatoriedade. A contradição nas idéias expressa-se, então, como sofisma e como dialética. Seu modo de ser é a identidade manifestar-se como discurso impossível de ser decodificado.

Questão: o que é uma contradição na teoria geográfica?

Bibliografia

Costa, Wanderley M. da (1983) "A Dialética e a sua Introdução na Geografia" in Seminário: Filosofia e Geografia, xerox, Rio de Janeiro.

8ª aula

O ESPAÇO E A POPULAÇÃO COMO DETERMINAÇÕES

Determinação - aquilo que se diz de alguma coisa que atua com a força de uma necessidade; o que dá a lógica de um sistema.

I - Determinações Internas

1. Espaço e necessidade: uma vez produzido o espaço se impõe às pessoas e às instituições, isto é, o espaço não é algo passivo, mas atua através dos processos, formas, funções e estruturas; isto é possível por sua valorização através do trabalho.

Questão: dê um exemplo do espaço como determinação interna.

2. População e determinação: as pessoas ultrapassam as determinações do espaço quando são capazes de vencer sua inércia? modificando-o em sentidos que não são prévios, mas dependem de escolhas e decisões; isto é possível quando a população age como sujeito; o modo mais típico é o da sua organização como sociedade civil.

Questão: dê um exemplo de população como determinação interna.

II - Determinações externas

1. Espaço e relações: os espaços produzidos são desiguais e influenciam a produção de novos espaços; o próprio espaço só pode ser definido como sendo um complexo de relações que são estabelecidas pelo trabalho; isto é possível quando há concentração e dispersão de espaços.

Questão: dê um exemplo do espaço como determinação externa.

2. População e relações: os espaços produzidos são espaços habitados que se relacionam a outros espaços; a população distribui-se desigualmente em grupos que ocupam diferentes posições no espaço; assim, o espaço e a população interagem entre si na valorização dos lugares; isto é possível porque o espaço e população são unidades diferenciadas.

Questão: dê um exemplo de população como determinação externa.

Bibliografia:

- Silva, Armando C. da (1985) Metrópole: Cidade Inchada ou nova Lógica do Capital?, Ciência e Cultura, 37 (8), agosto, São Paulo.
- Silva, Armando C. da (1986) Geografia da População (Apostila), DG da FFLCH da USP, São Paulo.

OS FRAGMENTOS GEOGRÁFICOS: TOTALIDADE OU SUBTOTALIDADE?

Totalidade: o conjunto das relações fundamentais de um fenômeno em sua gênese e desenvolvimento.

Subtotalidade: o todo considerado em relação a uma de suas partes. Considere-se o capitalismo; em última instância determina sempre o econômico; o econômico, como subtotalidade compreende, em sua forma mais desenvolvida, a produção, a circulação, a troca e o consumo; é possível, assim, a existência de um conhecimento verdadeiro do econômico e de suas relações com as outras esferas do real. Então, em Geografia, produção do espaço, espaço produzido, espaço a produzir, espaço existente, são momentos de existência do espaço em sua gênese e desenvolvimento. Quando se considera a produção do espaço, deve-se levar em conta, primordialmente, a população que o produz; quando se considera o espaço produzido, leva-se em conta o resultado, que é o determinante, como espaço existente ou espaço a produzir; o espaço existente, como ponto de partida, é espaço já modificado ou ainda espaço natural; o espaço natural pode ser estudado fazendo-se abstração da ação antrópica.

Uma Questão de Metodologia: um ponto tranqüilo de discussão, embora pouco compreendido, é o de que a totalidade não é o conjunto completo de todos os fatos ou aspectos singulares da realidade; nesse sentido a realidade apresenta-se como inesgotável, pelo menos para fins práticos; por isso, a totalidade apresenta-se, sempre, enquanto concreta, como particularidade, isto é, um momento do movimento em que o real adquire contornos, uma figura própria, uma forma, mais ou menos duradoura; mas, em relação a essas formas (a cidade, o campo, a indústria etc.), a totalidade deve apreender o conjunto das relações fundamentais, isto é, aquelas relações que lhes dão esses contornos duradouros, em sua gênese e desenvolvimento; do ponto de vista filosófico é importante identificar, preliminarmente, no processo de análise, quais são as categorias fundamentais (e as secundárias) que expressam aquelas relações.

Os Fragmentos Geográficos: se admitirmos que é a existência que determina a consciência, a fragmentação do conhecimento não é apenas um ato de vontade, mas é o reflexo, na mente humana, da fragmentação do real contemporâneo; a sociedade moderna, através de seus organismos de poder, levou o conhecimento a grau muito elevado de divisão técnica e intelectual do trabalho; essa divisão do trabalho existe, fundamentalmente, no ato da produção do conhecimento;

é, pois, no ato da produção, que devem ser buscadas as raízes dessa divisão, que funda a mente dividida; o trabalho de organização do saber torna-se, então, um processo de articulação de conhecimentos que estão separados; no caso do capitalismo, este sistema, que tem uma tendência continuada de concentração da produção, precisa articular essas partes para poder funcionar em conjunto; o planejamento surge, então, como uma necessidade contemporânea inelutável; no âmbito do trabalho científico acadêmico, é preciso descobrir a metodologia adequada para lidar com o que está disperso ou mal articulado no real; a Teoria dos Sistemas, como técnica que é, permite a manipulação das partes, na procura do funcionamento dos sistemas, com êxito, quando se trata de aspectos estáticos ou dinâmicos da realidade, vistos em suas conexões externas, isto é, essa Teoria não dá conta do movimento interno do real (sua lógica imanente); a categoria da subtotalidade pretende ser uma resposta à noção de sistema e seu corolário, o sub-sistema; uma das diferenças consiste em que o sub-sistema é formal e pode ser identificado nas inúmeras formas (fragmentadas ou não) da realidade; a subtotalidade, por sua vez, refere-se a esferas autônomas (que não podem ser fragmentadas), isto é, a conjuntos de relações fundamentais, e não de fatos ou aspectos, isolados ou não; nas ciências naturais, o todo pode ser estudado em suas partes ao nível de laboratório; nas ciências humanas as partes só podem ser estudadas com o recurso da abstração; modernamente, a abstração não deve ser utilizada apenas para o isolamento de um fenômeno para fins de estudo; ela passa a ser também um recurso para identificar a totalidade original de um fenômeno que a vida moderna fragmentou; o mesmo pode ser dito da subtotalidade; um dos problemas que se coloca, então, é o de descobrir a conexão interna de um fenômeno, quando este se encontra decomposto ou fragmentado; é um problema novo na metodologia das ciências.

Bibliografia

- Kosík, Karel (1969) "A Totalidade Concreta" in Dialética do Concreto, Editôra Paz e Terra S.A., Rio de Janeiro.
- Silva, Armando C. da (1980) "A Subtotalidade Geográfica e sua Especificidade" in Anais do 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, AGB, Rio de Janeiro.
- Silva, Armando C. da (1982) "Space as a Category of Analysis" Comunicação à Latin-American Regional Conference, UGI, Rio de Janeiro.

10ª aula

OS MOSAICOS E A ESTRUTURA ESPACIAL: UMA SAÍDA PROBLEMÁTICA PARA A GEOGRAFIA

Nos últimos 10 anos desenvolveu-se na Geografia uma discussão a respeito do espaço. Essa discussão dirigiu a crítica especialmente contra o conceito de superfície da Terra, considerado insuficiente para dar conta das transformações ocorridas no Globo desde o pós-guerra, que denunciavam a Geografia como uma ciência atrasada em relação a outras ciências, particularmente por seu aspecto meramente descritivo. Diversas propostas surgiram, então, por parte de geógrafos como David Harvey, Yves Lacoste, Milton Santos, Paul Claval - todos argumentando com novas variáveis para caracterizar o objeto da Geografia. A incidência maior recaiu sobre a Geografia Humana, que, não obstante tentou falar por toda a Geografia.

A principal influência veio através da denúncia da Geografia como um conhecimento a serviço do poder e do Estado. Daí o desenvolvimento maior da variante denominada Geografia Crítica, que trouxe ao debate temas como teoria do valor, modo de produção, formação econômico-social, luta de classes, formação espacial, arranjo espacial, subtotalidade, Estado-Nação, segunda natureza etc. Essas categorias correspondem principalmente à influência do marxismo, mas também há aportes do existencialismo, do liberalismo, do estruturalismo etc. De modo que o conhecimento geográfico novo vem se desenvolvendo como uma "frente ideológica" que define militâncias de caráter político e posturas de interesse à construção da teoria.

A questão inicial é, então, a de se o avanço geográfico passa necessariamente pela polêmica ideológica, ou se é possível um desenvolvimento filosófico-científico da Geografia em várias frentes diferenciadas, dadas de legalidade acadêmica.

Esta última alternativa parece a mais condizente com a diversidade de interesses existentes. Embora surgente do debate ideológico enquanto confronto radical de posições, ela não ignora esse debate. Mas, reivindica o direito de pensar as questões à luz da moderna epistemologia.

Processo e Estrutura

Este tema tem preocupado os geógrafos desde há algum tempo: o da relação entre História e Geografia. É um velho tema que encontra partidários de posições diversas. Por exemplo: "o geógrafo é o historiador do presente" (Pierre George), ou, a Geografia estuda a "estrutura da espacialidade diferenciada" (Lacoste), ou, ainda, "o espaço é uma acumulação desigual de tempos" (Milton Santos).

No entanto, a discussão filosófico-científica avançou, ou tem avançado, no sentido de definir a Geografia como uma das ciências do espaço. Nesse caso, apresentam-se dois problemas: o tempo histórico é necessário à caracterização do objeto, ou, haveria uma dialética própria do espaço, independentemente da história desse espaço. Em outras palavras, ou só há movimento quando se trata de processo, ou pode haver movimento da estrutura, pois, na essência é esse o problema.

A dialética enquanto gênese e desenvolvimento é assunto já resolvido, embora sujeito a interpretações diferentes. O problema realmente novo é o que diz respeito à dialética espacial.

Um dos autores que avançou em relação à questão é Harvey, com seu conceito de espaço relacional: o de espaço que contém relações que se relacionam por essas relações. A posição de Lacoste é também orientada numa direção aparentemente nova quando fala em "estrutura da espacialidade diferencial". Nos dois casos, o que importa são as relações, entendidas como múltiplas, em todo o caso, bem diferentes das relações lineares da história ou historiografia que têm pressupostos newtonianos. Só Milton Santos, ao que parece, discute o assunto numa perspectiva einsteiniana (espaço-tempo).

Descrição e Explicação

A descrição de uma estrutura é assunto já resolvido pelo estruturalismo, qualquer que sejam as críticas que a êle se façam. Trata-se sempre de descobrir a hierarquia dos fenômenos de uma situação que é objeto de estudo (Philipponneau). Na variante francesa, é preciso descobrir as combinações existentes entre os vários fenômenos que compõem o todo.

Mas, e a explicação?

Conhecida a estrutura em seus aspectos fenomênicos, como dar conta de suas conexões internas, da identificação de suas determinações, de suas contradições? É aqui que o conhecimento parece não ter avançado muito.

Uma teoria geográfica do valor poderia ser de muita valia, pois ela seria o que relacionaria a espacialidade às decisões e escolhas da população como sujeito.

Questão: o que é um valor geográfico?

Bibliografia

Silva, Armando C. da (1980) Geografia: Conhecimento da Crise ou Crise do Conhecimento?, AGB, Rio de Janeiro.

Aquela que é agora chamada de Geografia Tradicional sempre definiu sua ciência como uma ciência humana, ou apenas como uma ciência dos lugares. Essa dicotomia atravessa a história da Geografia e vem até o presente, sem solução satisfatória.

Recentemente, muitos geógrafos críticos e radicais a estão admitindo como uma ciência do espaço e se esforçam por caracterizar esse espaço como o espaço atual com toda a complexidade desta era espacial. Não obstante, a solução esbarra na questão mal ou incompletamente respondida do sujeito. Não se trata da população (como número, homem habitante, homem produtor, homem consumidor etc.), contudo, destituída de suas características de percepção, representação e consciência do espaço. Essa a questão.

O espaço percebido, o espaço representado e o espaço pensado têm como ponto de partida, na análise, o concreto.

Mas, perceber o espaço é mais do que apenas vê-lo como paisagem ou fragmento da paisagem. Porque perceber é um ato ligado ao existir. Perceber significa mais do que contemplar e é um ato ligado à produção, à circulação, à troca e ao consumo. Mas, não só do econômico. Percebemos a disposição espacial dos objetos, percebemos as pessoas de modo significativo porque as valorizamos ou desvalorizamos e ouvimos as pessoas falarem e com elas nos comunicamos. A dimensão espacial da percepção é então um dado de uma existência múltipla de estímulos espaciais (espaço psicológico, espaço econômico, espaço social, espaço político, espaço cultural etc.). Os dados da percepção, por sua vez, orientam nosso comportamento. Como isso se dá? Pelo representação que nos fazemos dos objetos, das pessoas e das idéias. É pela representação e pela percepção que assimilamos o meio em que vivemos e que ajudamos a criar.

Mas, a percepção e a representação, por si só, nos dão do meio apenas sua forma. É por meio da experiência, então, que sabemos o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau, o que queremos e o que não queremos. As escolhas e decisões emanam dessa experiência. Por que podemos, então, apesar disso, tomar decisões individuais ou coletivas que não alteram o cotidiano? Porque a experiência não acompanhada da razão é incompleta. Não nos deixa escolher senão ao nível do senso comum.

Como se dá a razão?

Pelo ato de pensar. Em nosso caso, pensar o espaço. Mas, pensar o espaço significa basicamente pensar também nossas percepções e

representações. Por isso, pensar o significado é pensar o significante como consciência espacial. [isto é fazer Geografia. O geógrafo tem essa possibilidade, isto é, de fazer as pessoas pensarem o espaço em que vivem e que tem características que a experiência mostra. U momento importante do método é, assim, a crítica da ideologia, enquanto imagem invertida do real. Mas, a objetividade assim obtida deve ser confrontada com as imagens do mundo, pois são estas, frequentemente, e não o conhecimento verdadeiro, que ditam nossa conduta. A consciência espacial deve ser, então, uma consciência não alienada, capaz de vencer a inércia das coisas, das pessoas e das idéias estabelecidas.

Uma Geografia do Sujeito põe-se, pois, como uma necessidade atual de nossa disciplina, capaz de ultrapassar a coisificação de objetos, pessoas e idéias. Uma Geografia que elimine a separação entre sujeito e objeto, não só no ato de pensar, mas também no ato de existir.

Questão: Dê um exemplo de consciência espacial alienada. Faça a crítica dessa reificação.

Bibliografia

- Santos, Milton (1982) "Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa" in Boletim Paulista de Geografia, nº 59, AGB-SP, São Paulo
- Silva, Armando C. da (1983) A Geografia e a questão da forma (Uma primeira diferenciação do objeto), xerox, inédito, São Paulo.

A questão do sujeito em Ciência é fundamental. No seu tratamento afastamo-nos do "objetivismo" e do "cientificismo", sem contudo cair no "subjetivismo". Para isso é preciso tratar adequadamente essa questão.

Em Geografia verifica-se a possibilidade de discutir a questão do sujeito a partir de quatro perspectivas: a do sujeito psicológico, a do sujeito cognoscente ou epistemológico, a do sujeito coletivo e a do sujeito histórico.

O sujeito individual é uma herança do liberalismo. Ele o tratava basicamente à luz da propriedade. Trata-se de mudar essa perspectiva, relacionando o sujeito individual ao trabalho.

O sujeito cognoscente ou epistemológico fazia parte da figura do intelectual independente do passado liberal. Hoje ele só se pode realizar como membro da equipe interdisciplinar, ou como o intelectual orgânico de Gramsci.

O sujeito coletivo, que é dado pelo pertencer a um mesmo nós, que nos diferencia no interior da sociedade é o fundamento inicial da sociabilidade. Ele é o fundamento também da sociedade civil.

O sujeito histórico, que é dado pela ação de transformação da realidade social, há muito que não é apenas a classe operária, como no século XIX. Depois disso, fizeram seu advento na história os camponeses, os estudantes, e as camadas médias urbanas. Desde algum tempo que a dimensão do trabalho permeia esses vários grupos, dando a perspectiva do futuro.

Mas, o futuro de nossa sociedade é também o não trabalho. Daí uma importância ainda maior da sociabilidade.

Na perspectiva contemporânea importa lutar contra a barbárie, o que significa o arbítrio de pessoas ou do Estado.

No plano do trabalho científico importa trabalhar com padrões de atividade científica em que o método não seja um obstáculo à criatividade, pois a sociabilidade é produto também do novo, daquilo que é teleologia comum às aspirações da população.

O futuro da Geografia está ligado à capacidade daqueles que a fazem em produzir um conhecimento que seja útil a uma sociedade em que não haja a opressão, o que exige uma posição permanente de luta. Quem constrói o futuro somos nós mesmos.

Bibliografia

Giannotti, José A. (1984) Acabou o Capitalismo, é a Barbárie? in *Presença, Política e Cultura*, nº 3, Editora Caetés, São Paulo.